

*Para LB, no presente,  
e DC, no passado*

Agora que sei que a minha amiga Claudia enviuvou de morte natural do marido, não pude evitar lembrar-me de uma noite em Paris há seis meses: havia saído depois do jantar de sete pessoas para acompanhar a sua casa uma das convidadas, que não tinha carro mas vivia perto, quinze minutos a pé à ida e quinze de volta. Parecera-me uma jovem um tanto louca e bastante simpática, uma italiana amiga da minha anfitriã Claudia, também italiana, em cujo apartamento de Paris me alojava durante alguns dias, como acontecia noutras ocasiões. Era a minha última noite daquela viagem. A jovem, cujo nome já não recordo, fora convidada em atenção a mim e para diversificar um pouco a mesa, ou melhor dito, para que as duas línguas faladas estivessem mais repartidas.

No entanto durante o passeio tive que improvisar italiano, como fizera durante metade do jantar. Durante a outra metade havia sido francês o que improvisara ainda pior, e para dizer a verdade estava farto de não me poder exprimir correctamente com ninguém. Tinha vontade de me ressarcir, mas nessa noite já não teria possibilidade, pensava, pois quando regressasse a casa da minha amiga Claudia, que fala um espanhol convincente, já se teria deitado com o seu maduro e gigantesco marido e até à manhã seguinte não teria oportuni-

de de trocar com ela umas tantas frases bem construídas e pronunciadas. Sentia impulsos verbais, mas devia reprimi-los. Desliguei durante o passeio: deixei que fosse a amiga italiana da minha amiga italiana que falasse com propriedade na sua língua, e eu, contra a minha vontade e desejo, limitava-me a concordar e a comentar de vez em quando: «*Certo, certo*», sem prestar atenção, cansado como estava por causa do vinho e enfastiado devido ao esforço linguístico. Enquanto caminhávamos exalando vapor só me apercebia que dizia coisas sobre a nossa amiga comum, como era de resto natural, já que para além da reunião de sete de que vínhamos não tínhamos nada sobre que falar. Pelo menos assim pensava. «*Ma certo*», continuava a comentar eu sem sentido algum enquanto ela, que se devia dar conta das minhas omissões, continuava um pouco por si só ou talvez por cortesia. Até que de repente, sempre a falar de Claudia, houve uma frase que compreendi muito bem como frase e por completo como significado, já que a compreendi sem querer e isolada de todo o contexto. «*Claudia sarà ancora con il dottore*», foi o que disse a sua amiga segundo entendi. Não fiz muito caso disso, porque estávamos a chegar já à sua porta e eu tinha pressa de falar a minha língua ou pelo menos de ficar só pensando nela.

Naquela porta havia um vulto esperando e ela acrescentou: «*Ah no, ecco il dottore*», ou qualquer coisa do género. Percebi que aquele médico vinha visitar o seu marido, que por se achar indisposto não a acompanhara ao jantar. O médico era um homem da minha idade ou quase jovem e verifiquei ser espanhol. Talvez tenha sido só por isso que fomos apresentados, ainda que muito brevemente (eles falaram entre si em francês, o do meu compatriota com inconfundível pronúncia), e ainda que de boa vontade tivesse ficado um pedaço falando com ele para satisfazer as minhas ânsias de verbalidade correcta, a amiga da minha amiga não me convidou para subir, antes pelo contrário, apressou a despedida, dando a entender ou di-

zendo que o doutor Noguera já estava ali há alguns minutos, à sua espera. Este médico compatriota trazia uma mala negra, como as de outra época, e tinha um rosto antiquado, como que saído dos anos trinta: um homem bem parecido mas ossudo e pálido, com o cabelo louro de piloto de caça, penteado para trás. Como ele, pensei um momento, devia ter havido muitos em Paris depois da guerra, médicos exilados republicanos.

Ao chegar a casa surpreendeu-me ver ainda acesa a luz do escritório, por diante de cuja porta tinha de passar a caminho do quarto de convidados. Assomei à porta, pensando que se tratava de um esquecimento e disposto a apagá-la e então vi que a minha amiga estava ainda a pé, encolhida num cadeirão, em camisa de dormir e roupão. Nunca a vira em camisa de dormir e roupão apesar de há muitos anos me hospedar nas suas diferentes casas de cada vez que ia a Paris por alguns dias: eram ambas peças de cor salmão, um luxo. Apesar do gigantesco marido que tinha desde há seis anos ser muito endinheirado, também era muito tacanho devido ao seu carácter, à sua nacionalidade e à sua idade, comparativamente avançada em relação à de Claudia, e a minha amiga queixara-se muitas vezes por nunca poder comprar nada que não fosse para embelezar a casa, grande e confortável, e, segundo ela, a única manifestação visível da sua riqueza. No resto, viviam mais modestamente do que podiam permitir-se, quer dizer, abaixo das suas possibilidades.

Eu quase não contactara com ele, além de um ou outro jantar como o daquela noite, que são perfeitos para não nos relacionarmos nem conhecermos ninguém que já não conheçamos antes. Esse marido, que respondia pelo extravagante e ambíguo nome de Hélié (um tanto feminino para os meus ouvidos), via-o eu como um apêndice, esse tipo de apêndice tolerável que muitas mulheres ainda atraentes, solteiras ou divorciadas, têm inclinação para arranjar quando roçam os quarenta anos, ou talvez os quarenta e cinco: um homem respon-

sável e bastante mais velho, com cujos interesses nada têm a ver e com o qual nunca se riem, que no entanto lhes serve para continuarem activas na vida social e organizar jantares de sete como o daquela noite. Hélie chamava a atenção devido ao seu tamanho: media quase dois metros e estava gordo, sobretudo no peito, uma espécie de gigantesco peão rematado por duas pernas tão fracas que pareciam apenas uma; quando me cruzava com ele no corredor, bamboleava-se sempre e tinha as mãos muito estendidas, próximas das paredes, para ter um ponto de apoio no caso de escorregar; ao jantar tinha de ocupar necessariamente uma cabeceira da mesa, porque de outro modo o assento lateral em que se tivesse instalado ficaria dominado pela sua figura desmedida e descompensado, ele sozinho diante de quatro comensais passando apertados. Só falava francês, e segundo Claudia era um «barra» no seu campo, que era o da advocacia. Ao fim de seis anos de casamento, não é que visse a minha amiga decepcionada, pois nunca havia demonstrado entusiasmo, mas mostrava-se incapaz de dissimular, mesmo perante estranhos, a irritação que nos causam sempre aqueles que estão a mais na nossa vida.

— Que se passa? Ainda acordada? — disse sentindo alívio por poder exprimir-me finalmente na minha língua.

— Sim. Estou muito mal. Vai chegar um médico.

— A estas horas?

— Um médico nocturno, um que está de serviço. Tenho de chamá-lo muitas noites.

— Mas o que é que tens? Não me tinhas dito nada.

Claudia baixou a luz regulável que estava acesa junto do cadeirão, como se antes de responder quisesse ficar na penumbra, ou para que eu não distinguisse as suas expressões involuntárias, os nossos rostos, quando falam, enchem-se de expressões involuntárias.

— Nada, coisas de mulheres. Mas dói-me muito quando aparece. O médico dá-me uma injeção que me acalma a dor.

— Sim. E o Hélie não podia aprender a dar-ta?

Claudia olhou-me com exagerada reserva e o que agora baixou foi a voz para responder a esta pergunta, não a tinha baixado para responder às outras.

— Não, não pode. Treme-lhe demasiado o pulso, não confio nele. Se ele ma desse não teria efeito, tenho a certeza, ou então fazia confusão e injectava-me outra coisa, um veneno qualquer. O médico que costumam mandar é um médico muito amável, e além disso é para isso que estão de serviço, para vir a casa a altas horas da noite. É espanhol, na verdade. Vai chegar a qualquer momento.

— Um médico espanhol?

— Sim, julgo que de Barcelona. Bom, não sei se terá a nacionalidade francesa, deve tê-la para poder exercer. Há muitos anos que está cá.

Claudia tinha mudado de penteado desde que eu saíra de casa para acompanhar a sua amiga. Talvez se tivesse limitado a desfazer o rolo para se deitar, mas o que tinha agora parecia-me um penteado, não um despenteado de fim de dia.

— Queres que te faça companhia enquanto esperas ou preferes ficar só no caso de te doer? — perguntei retoricamente, já que, vendo-a ainda a pé, não estava disposto a ir finalmente para a cama sem cumprir o meu desejo de trocar umas palavras e de descansar das abomináveis línguas e do vinho do serão. E antes que respondesse, acrescentei, para que não pudesse responder-me: — Muito agradável a tua amiga. Disse-me que tinha o marido doente, uma noite cansativa para os médicos deste bairro.

Claudia hesitou uns segundos e pareceu-me que me olhava outra vez com reservas enquanto não dizia nada. Depois disse, já sem me olhar:

— Sim, tem um marido, ainda mais insuportável do que o meu. O dela é jovem, um pouco mais velho do que ela, mas tem-no já há dez anos e é igualmente tacanho. Ela não ganha